

Eu, porém, não quero aqui propor-vos mais um caminho. Prefiro delinear a atitude que preconizo comum a todo o caminhar, traçar o perfil dos que podem responder a qualquer desafio: o ser exigente. A exigência, despida de todo o espírito de queixume ou dimensão reivindicativa, e apenas como sentido do dever a cumprir e a fazer cumprir, deveria ser um desafio global que permitiria avançar mais longe em cada um dos caminhos particulares a percorrer. A “exigência” é, neste contexto, a justa percepção do dever que cabe a cada um de nós nos diversos papéis que desempenha na sociedade e no seu cumprimento integral, em relação ao próprio como em relação aos outros.

Afinal, que importa identificar obstáculos se não temos capacidade de os vencer, ou apontar objectivos que não temos determinação para alcançar? Se não nos tornarmos exigentes, facilmente permanecemos na mediocridade da denúncia do que está mal e na crítica do que não está feito, mas sem nada acrescentar.

Tomemos um exemplo que me parece paradigmático: o do voto eleitoral. Muitos eleitores afadigam-se a acusar os candidatos pelo que fizeram e pelo deixaram de fazer e, numa atitude arrogante, abstêm-se. Falham o seu dever, assim contribuindo apenas para a debilidade de uma democracia em que o voto popular cedeu à abstenção.

Muitos outros eleitores procuram nos candidatos o discurso fácil, a simpatia, o aspecto jovial e, numa atitude de vã convicção, votam numa imagem. São pouco exigentes, assim contribuindo para a descredibilização dos políticos a quem permitem que substituam o rigor da verdade pela magia do logro.

Outros eleitores ainda empenham-se na valorização do seu candidato que reconhecem como empregador de si ou da família, como comprador de serviços ou financiador de contratos e, numa atitude de cobarde egoísmo, votam na sua fonte de sustento. Apenas exigem o seu interesse próprio, assim contribuindo para a perversão da democracia numa ditadura do favorecimento.

Critica-se, ilude-se, pactua-se mas, sem nada exigirmos, atolamo-nos na mediocridade em que todos os desafios morrem, para continuarmos a criticar, a iludirmo-nos, a pactuar, qual círculo vicioso de que apenas a exigência perante nós e os outros nos pode libertar. Exigência deve ser o nosso desafio!